

## MEDICINA E PRÉ-HISTÓRIA

Fortunato Gabriel GIANNONI \*

Os fenômenos sentimentais que diferenciam o homem dos demais animais nasceram quando, ainda na era biológica das origens do ser humano, na luta renhida pela subsistência, um primata agredia o outro com unhas e dentes, e a mãe procurava lambê-lhe as feridas, protegendo-o de novas agressões dos mais fortes.

A esse sentimento protetor, amparador e mitigante, base única da razão de ser da medicina que se denomina de humanidade ou de amor, e que hoje em dia se transformou em milhares de variantes, constitui o fenômeno mais nobre e digno do ser humano. Sentimento esse que nasce, ou melhor, é renovado diariamente, quando o médico entra em contacto com o doente. Esse sentimento de humanidade deu origem à medicina na época pré-histórica, isto é, no passado milenar do ser humano, do qual a paleopatologia procura no estudo dos fósseis as provas ainda persistentes da origem das doenças. Foi no estudo dos fósseis que a paleopatologia conseguiu encontrar os resquícios e as origens da medicina. Chegou-se já até aos australopitecos na África do Sul, que viveram há 15 ou 10 milhões de anos. Neles se encontram sinais evidentes de doenças, agressões, que só poderiam ter sido suportadas mediante o amparo de outrém, que nos primatas era dado pela mãe, depois pelos próprios companheiros que foram, pouco a pouco, imitando a proteção materna, depois pelos feiticeiros, curandeiros e finalmente pelo médico.

Esta fase pré-histórica da medicina, dos povos primitivos (oriental, antigo Egito, América antes de Colombo, Grécia de Homero) a ajuda ao enfermo era regida por uma combinação de empirismo e magia, com predomínio maior ou menor de um destes dois elementos que já constitui uma doutrina seguida pelos povos primitivos dessa antiguidade oriental (Mesopotâmia, China, Índia, etc) antigo Egito e a Grécia Homérica. Esta era se estende desde começo da humanidade, até a Grécia dos séculos VI e V antes de J.C.

Depois vem a História da medicina técnica que começou a vislumbrar-se na Magna Grécia, na Sicília e em Jônia, quando se inventou o conceito da medicina técnica, no momento de transição do empirismo para a técnica. "Isto há 2 mil e quinhentos anos! O médico se propõe a curar o enfermo sabendo o que faz e porque o faz. O remédio não atua, portanto, pela virtude de quem o aplica (feiticeiro, sacerdote, curandeiro, etc) e nem pelo modo como é aplicado (rito religioso ou mágico) mas sim pelo que é".

Em consequência disso, o médico inicia uma nova época de sua história, pois descobre a necessidade de indagar o que finalmente ele é, o que constitui uma boa saúde e o que é uma doença e o que é um remédio, chegando posteriormente à conclusão inevitável de que ele é um indivíduo diferenciado entre os demais, pelo hábito que adquiriu desde a infância, em amparar os outros procurando mitigar-lhe os sofrimentos, evitando o medo e orientando o indivíduo de modo que possa fugir da doença e, portanto, do sofrimento.

A segunda pergunta que o médico se impôs, foi saber o que é saúde e o que se entende por doença. Dessa indagação nasceram as diferentes ciências que são: morfologia, fisiologia, anatomia patológica, fisiopatologia, propedêutica, psiquiatria, pediatria, psicologia, neurologia, terapêutica, etc, que, em síntese, se chamam medicina.

Essa é, em resumo, a história da medicina, da antiguidade clássica: Grécia e Roma, a partir do século V a.C. Foi, como já

falamos, a época de transição do empirismo para a técnica, ficando a medicina empírica conservada em fósseis, dos quais ainda se retiraram os preciosos ensinamentos dessa época.

Posteriormente, a medicina entrou numa fase de grandes e valiosos progressos, começando a época da Idade Média, em Bizâncio, no Islam e no Ocidente com a chegada do cristianismo. Anos 1 à 1450 mais ou menos.

Com o advento do cristianismo, passou-se para a medicina moderna que os historiadores dividem em períodos que são: a) Renascimento e Barroco de 1453 à 1740; b) Ilustração e Romantismo de 1740 à 1848; c) Positivismo Naturalista de 1848 à 1914; d) Medicina atual desde 1914 até nossos dias.

## MEDICINA E PRÉ-HISTÓRIA

Procuraremos relatar, em resumo, os achados da Paleopatologia mais interessantes.

**Anomalias congênitas** - Entre as malformações congênitas que se podem observar nos achados fósseis, são poucas as verdadeiramente encontrados nos ossos. Sendo o mais comum, os achados representativos dessas anomalias, são por exemplo, a acondroplasia (se encontraram casos magnificamente representados em estatuetas e figuras como as da Nigéria e de várias dinastias egípcias, isto é, há cerca de 6 mil anos). Assim também, se encontrou um crânio com microcefalia, um com mongolismo num fóssil peruano do final da época precolombiana. Crânios com turricéfalia ou escafocefalia, isto é, crânio pontiagudo na sua parte superior ou então alargado no sentido anteroposterior e achatado transversalmente. As assimetrias dentárias e anomalias na oclusão dentária são comuns, acompanhadas de graves doenças da boca, com artrite da mandíbula e graves calcificações.

Deformações da pelvis com assimetrias graves nos fósseis da Grécia e da França no período neolítico.

Escolioses, pés varus, deformações sacras nas múmias de uma necrópole de Argin, etc. Polidactilia, oligodactilia e sindactilia, falta de um braço que foi notado num esqueleto de Shanidar; hidrocefalia, raquitismo, foram encontrados nos esqueletos da necrópole de Argin (cidade de Núbia, norte do Sudão, África Oriental).

O gigantismo, o nanismo, a acromegalia, foram registrados num esqueleto neolítico na Suíça, etc.

As neoplasias e os tumores benignos deixaram suas marcas nos diferentes ossos do corpo humano que são facilmente identificados na época atual.

As enfermidades infecciosas não deixam marcas nos ossos, porém foram pesquisadas nas figuras, relevos e outras obras de arte, mobiliário, etc, para avaliar seus sinais externos.

Assim, a origem da sífilis tem sido rebuscada insistentemente pelos paleopatólogos, não só na pré-história da Europa, Ásia, Índia, etc, como também nas Américas, onde sempre se negou a presença dela na era précolombiana. Entretanto, foram encontrados nos ossos do crânio de esqueletos do Peru, México, e Argentina, úlceras características destes ossos, com grande perda de matéria óssea em forma de erosões lineares e serpentiniformes. Esses ossos são do neolítico desses países e, também, do neolítico da França, parecendo ser suficiente prova da presença de sífilis nesses crânios. A lepra também deixou seu rastro nos crânios e demais ossos do neolítico. A tuberculose também deixou suas marcas nos fósseis encontrados por todo o mundo, sem a menor sombra de dúvidas.

\* Prof. Titular de Propedêutica Clínica da Faculdade de Medicina da Fundação do ABC; Prof. Pleno de Propedêutica Clínica da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa S.P.

bem como o mal de Pott, que deixou figuras e estatuetas características.

Os vírus deixaram também suas pegadas características nos esqueletos dos fósseis pré-humanos e nas figuras e estatuetas. Assim, a poliomielite deixou, sem sombras de dúvida, sua marca na perna direita de um sacerdote da XVIII dinastia, chamado Ruma, e representado num alto relevo de um barranco de pedra porosa.

Foi, também, representada a poliomielite num bronze do neolítico inglês e nos agricultores do século I e VIII da América do Norte.

A periostite e a osteomielite lesaram várias partes dos esqueletos fósseis e das múmias, deixando sua marca típica de que por ali passaram, acompanhando as gerações do século III ao I aC.

Os nômades, quando atacados por uma epidemia, deixaram nos seus esconderijos montes de esqueletos, animais domésticos mortos, objetos de uso pessoal, utensílios, etc, e fugiam para outros lugares, pretendendo evitar a epidemia que, contudo, continuava a dizimá-los nos novos esconderijos, onde já se nota menor número de fósseis e de animais domésticos, até que nos supostos novos esconderijos já se encontram 2 ou 3 remanescentes, estes sempre com esqueletos de constituição muito mais desenvolvida do que os do primeiro grupo encontrado.

As patologias bucais são típicas e inconfundíveis, pois deixam elas suas marcas características. São algumas congênitas, outras deficitárias, necrosantes, neoplásicas, infecciosas, traumáticas, etc, que deixaram lesões ósseas ou dentárias que falam exuberantemente por sua etiologia. Assim, apenas para citar um só exemplo, temos o pitecantropo de Lantican, da China, e o caso mais sério de infecção bucal da pré-história, que se irradiou para o crânio, representado pelo homem da Rodésia (fóssil encontrado em escavações da Rodésia).

As cáries dentárias e as anomalias do esmalte dentário são outras tantas janelas abertas para a pré-história da medicina, como se conclui do achado de um caso que data de 1.600.000 anos (o *Australopithecus*) que viveu em Olduvai (África Oriental) cujos achados paleopatológicos se ligam possivelmente ao mal de Pott, encontrado em uma de suas vértebras torácicas, cuja etiologia atual também admite perturbações dentárias neste mal.

Os traumatismos, seguramente, constituem patologias das mais encontradas nos fósseis, como as fraturas causadas por golpe ou queda, as erosões e as incisões por armas. O crânio de *Neanderthal* apresenta uma incisão sem complicações sobre o bordo orbitário direito, além de uma grave lesão no úmero esquerdo.

Feridas cranianas indubitavelmente produzidas por mordidas de crocodilos foram encontradas em vários crânios humanos que datam de 1.600.000 anos. Consegue-se nitidamente verificar que as arranhaduras guardam distâncias mais ou menos iguais de 2 a 3,5 cm uma da outra e todas profundas, com perda de substância óssea e, às vezes, perfurações até da tábua interna, que só poderiam ser produzidas por objeto pontiagudo penetrante, com bases alargadas como cunha. Os dentes dos crocodilos são em forma de cunha.

Não há, até agora, provas suficientes de que havia guerra entre os indivíduos da pré-história. Parece que as guerras só apareceram bem mais tarde, como veremos em futuros resumos a serem publicados nesta revista. Havia luta entre pequenos grupos e foram encontrados sinais disso em Olduvai.

Quanto ao canibalismo ou antropofagia parece, fora de dúvidas, que realmente existia comumente entre os indivíduos da pré-história, pois achados indicam uma tradição cultural ou um rito religioso. O que reforça esta suposição é o achado evidente de queimaduras em alguns fósseis, atribuídas, certamente, depois da morte por pancada no crânio. Eles costumavam assar a vítima para depois devorá-la.

Quanto a arte de curar, muito pouco poderemos dizer dos achados pré-históricos nos períodos Pleistoceno e das culturas pós paleolíticas. Entretanto, são evidentes as fraturas curadas, que demonstram que houve tratamentos especiais e especializados na disposição dos fragmentos. Cita-se o caso especial do Pitecantropo de Trinil, espécie de *Homo Erectus*, que apresentava osteomielite de uma fratura curada não se sabe como. Há restaurações de fra-

turas complicadas de ossos acavalgados com provas de cura defeituosas, demonstrando a boa intenção de um segundo indivíduo que pretendia endireitá-la e não o conseguiu; pelo contrário, colocou os fragmentos em posições que eles nunca poderiam assumir espontaneamente.

Há casos evidentes de amputações: no período mesolítico, na Criméia encontrou-se uma amputação do dedo mínimo do esqueleto de uma mulher, em que não se encontrou sinais de contaminação da ferida posteriores à amputação. Em numerosas outras feridas típicas de amputações não se encontraram sinais de infecções sépticas. Isso faz admitir o uso de substâncias desinfectantes vegetais.

Além disso, está provado o uso por eles de talas para manter a fratura em boa posição, resultando uma perfeita sutura dos bordos da ferida sem haver a formação de exostoses e mantendo uma perfeita coaptação das fibras ósseas.

O que é de certo modo desconcertante para nós médicos da atualidade, é a prova insofismável da trepanação encontrada nos crânios da pré-história. São encontrados esses achados constantemente nos crânios de várias civilizações pré-históricas, como na época mesolítica em *Vasievka* na Ucrânia, na *Hungria*, na *Alemanha*, na *Checoslováquia*, etc e também em bronzes antigos da *Criméia*. Tudo parece provar a existência da trepanação desde a era pré-neolítica.

Qual seria a finalidade de tal operação para curar certas doenças do encéfalo? Rito religioso, pelo número exagerado dessa prática em certas gerações? Parece que a intenção era de aliviar as tensões endocranianas. Apresentar um caráter mágico? É uma questão ainda em aberto.

Seus sinais cirúrgicos são inegáveis. Parece relacionar-se com os ferimentos do crânio por uma arma daquele tempo, construída com pedra polida. O interessante é que essa arma começou a ser encontrada nos fósseis pré-históricos, coincidindo com as feridas traumáticas do crânio e os achados das trepanações, parecendo indicar uma nítida correlação entre os dois fatos: fratura, formação de hematoma interno do crânio e posterior trepanação para aliviar a tensão endocraniana ou para remoção do hematoma.

Outro fato interessante constatado com o aparecimento da trepanação é o de que ela quase desaparece juntamente com o aparecimento da espada e desaparecimento do tacape feito com pedra polida.

Nos fósseis pré-históricos do Peru, é dominante a presença da trepanação, bem como na Bolívia, parecendo ultrapassar as fronteiras terapêuticas e indicar um desenvolvimento muito avançado na intervenção cirúrgica da personalidade. São patentes as provas de numerosas técnicas cirúrgicas empregadas. São constantes nos fósseis peru-boliviano da pré-história as deformações cranianas propostas com finalidade de intervir na personalidade, por meio da trepanação e enfaixamento compressor do crânio.

É peculiar da medicina atual continuar se inspirando, na medicina da antiguidade, tanto em sua teoria como em suas aplicações, eivada, ainda, de certo grau de empirismo.

Salvo alguns motivos, a medicina de todas as idades e de todos os países, se edificou sobre os mesmos alicerces e obedeceu aos mesmos princípios gerais. Não se deve confundir a medicina científica com medicina popular. Esta tem apoio na credence popular e num fundo de superstições, que se desenvolvem mesmo na época atual e nas civilizações que alcançaram um nível técnico muito avançado.

Poderíamos citar como exemplo dessa credence a superstição populares a existência até hoje de indivíduos que se dedicam aos benzimentos, às defumações, à homeopatia, que nada mais são do que exploração da ignorância humana.

Quando um indivíduo procura o médico, ele ainda leve no seu subconsciente resquícios de um passado longínquo que faz do médico um ser superior, um ente dotado de atributos divinos, capaz de protegê-lo e livrá-lo de qualquer doença.

Assim, vem a medicina crescendo, passo a passo, com a história da humanidade, acompanhando o progresso das ciências gerais e se aprofundando mais e mais na procura da verdade.

Recebido para publicação em 20-10-1978.  
Aprovado para publicação em 31-10-1978.

HAN  
nica

A A  
GÁ

Fede  
Carr

rato

rinico  
acetii

ADE  
REL

Auto  
Ange  
Oriem

supra  
casos  
ção l  
pacie

dada  
desde

um i  
form.  
co. P  
tar o

crino  
aume  
e pot  
da qu  
flanco  
torial  
domi

I  
aspec  
rária  
sar de

ALEF

Falzo  
Shigu

parte  
menta  
noscic  
quadr  
diagn.